

# Monstro real

A dívida é uma velha assombração que nunca meteu medo em ninguém. Virou folclore, tão inofensiva quanto o Negrinho do Pastoreio a galopar pelos pampas, campeando o gado perdido do dono de máus bofes, ou o pernetá Saci nas traquinagens do moleque.

Domesticada, ficou íntima da casa de todos nós. Intimidade relativa, ressalve-se. A dívida era um número, publicado nas folhas, de significado confuso, enigmático, mencionada nas conversas graves das rodas de homens, que vincavam a testa como sinal de preocupação. Mais fingida do que verdadeira. Ela não fazia nenhum mal ao comum dos mortais. Sabia-se, por larga vivência, que não seria cobrada porque não era mesmo para ser paga. Até porque, como hoje, é impagável.

Em todo caso, soava como a advertência de que as coisas não iam bem com as contas públicas fechando no vermelho, indicador certo de emissões que aguavam a moeda, ricocheteando no aumento da inflação.

E aí esbarramos em dois fantasmas cujas aparições causavam arrepios e urgente necessidade de refazer contas para reajustar os preços. Dívida pública ou externa era assunto para o governo. Na sociedade, nos andares de cima, temia-se pelas loucuras da guitarra imprimindo notas, estalando de novinhas, que forravam os bolsos dos ricos e rareavam nos dos pobres, freqüentados pelos níqueis.

Emissão rimava com inflação, mais conhecida como carestia. Esta sim, praga teimosa como a tiririca, que resistia a todos os esforços para extirpá-la e rebrotava com viço renovado.

Desdenhamos tanto da dívida que chegamos a caçoar dela, no celebrado incidente, cantado em prosa e verso como exemplo de brio, de vergonha na cara, da alta carta do presidente Juscelino Kubitschek ao Fundo Monetário Internacional (FMI), recusando-se a engolir suas impertinentes exigências para liberar os dólares de empréstimo para obturar os rombos do nosso bagunçado orçamento.

O déficit acendia o estopim do foguete da inflação, que disparava para o céu de Brasília. Espremido contra a parede, JK não hesitou entre a bravata, que entrou para sua biografia, e a dívida que continuou engordando como suíno castrado na ceva. Mandou-a às favas, colhidas pelo desatrelhado sucessor e repassada pelo renunciante Jânio Quadros ao vice, o promovido Jango Goulart, que a multiplicou no parlamentarismo e no presidencialismo, e esqueceu-a com a faixa na fuga da deposição.

A dívida sofisticou-se com o trato a pão-de-ló que recebeu dos economistas – modismo que dura algumas décadas e promete virar o século, com saúde e prestígio de causar inveja aos políticos, desalojados, como incompetentes, do espaço privativo dos que se comunicam em patuá ininteligível pela patuléia e exibem crachás de PhD.

Paparicada como herdeira ricaça, feiosa como bruxa, a dívida adoeceu gravemente do corpo e da cuca. Esfomeada, come tudo em proporções gigantescas. Nada a sacia: porções pantagruélicas de juros, dólares das privatizações descem pela goela e incham na pança; cortes de bilhões nas verbas públicas de educação, saúde, transportes, segurança, índices recordes de desemprego, demissões, aumento da contribuição à Previdência de servidores ativos e inativos são sorvidos como dieta de hospital e não conseguem aplacar a gula da obesa.

Inofensiva assombração virou monstro apavorante. E, para mal dos pecados, enlouqueceu. Não diz coisa com coisa, não junta duas palavras que façam sentido, virou o fio do raciocínio e mergulhou na insanidade da incoerência. Ainda agora, no acesso mais grave e recente, bate o pé e exige que o FMI e os bancos internacionais emprestem mais 30 bilhões de dólares para diminuir a dívida. Aumenta-se a dívida para diminuí-la?

Pior: sempre se ouviu dizer que quanto maior a inflação maior a dívida. Pois agora é o contrário: como a inflação está controlada desde 94, a dívida pública e a externa atingiu alturas delirantes. E mais: a lógica ensina que a estabilidade econômica estimula o desenvolvimento, o qual retribui aumentando a oferta de empregos. Purgamos o paradoxo de inflação zerada e desemprego furando a lona dos 10%.

Ninguém entende mais nada. Mas, não é o caso da vida copiar a ficção e, seguindo o velho Machado de Assis, deixar a doida solta e trancar a todos nós no hospício?